



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

A “esposa ideal”: dos cuidados com o corpo à maternidade

Andrea Cristina Marques¹

Resumo: A revista “O cruzeiro” foi um dos periódicos que no século XX construiu padrões de comportamento através de suas colunas femininas e seus conselhos, afirmando o modelo tradicional de mulher. Sendo uma revista de grande expressão nacional durante anos, “O cruzeiro” colocava em suas colunas, por exemplo, o que as mulheres deveriam fazer para cuidar de sua aparência, para seus namorados, noivos e, principalmente, para que seus maridos lhes dessem a devida atenção dentro do lar. A beleza ou o embelezamento seria uma maneira da mulher mostrar ao seu homem que o amava, já que estava se cuidando para ele, como dizia a coluna “Elegância e beleza”. Mas, não só de beleza viviam as mulheres dentro de seus lares, pois também deveriam se tornar mães, demonstrando que a felicidade no lar estava completa somente com a chegada da maternidade em suas vidas, o que era reforçado pela coluna “Da mulher para a mulher”.

Palavras-chave: “O cruzeiro”, Colunas femininas, Mulheres.

Abstract: The magazine "Cruise" was one of the journals in the twentieth century constructed patterns of behavior by their female speakers and their advice, saying the traditional model of woman. Being a magazine of great national expression for years, "Cruise" put in his columns, for example, that women should do to take care of their appearance, for their boyfriends, boyfriends and particularly their husbands to give them the due attention in the home. The beauty or embellishment would be one way a woman show her man that she loved him, because he was caring for, as he said the "beauty and elegance" column. But not only the beauty of the women lived in their homes, because they should also become mothers, demonstrating that happiness in the home was complete with the arrival of motherhood in their lives, which was reinforced by the column "From woman to woman".

Key-words: "The Cruise", Female speakers, Woman.

Introdução

As revistas há bastante tempo vem produzindo colunas dedicadas ao público feminino, sendo responsáveis por construir padrões de comportamentos para as mulheres. Uma delas foi a revista “O cruzeiro”² que em suas colunas femininas as aconselhava a seguir o modelo tradicional feminino, através de seus/suas jornalistas, homens e mulheres que trabalhavam na construção da revista.

Temos que considerar algumas questões acerca da produção da revista “O cruzeiro” que nos dão uma ideia de como acontecia sua fabricação na busca por um grande número de

¹ Mestre em História/UFCG.

²A revista “O cruzeiro” circulou por todo o Brasil a partir do ano de 1928 e tinha algumas colunas femininas como “Da mulher para a mulher”, uma espécie de consultório sentimental; “Elegância e beleza”, que dava dicas para que as mulheres se tornassem mais atraentes e “Lar doce lar”, que indicava as melhores receitas e maneiras de resolver os problemas domésticos.

leitores/leitoras, na tentativa de aumentar consequentemente seu número de vendas. Nesse aspecto é que a historiadora Luciana Rosar Fornazari (2001), mostra estratégias para agradar ao público consumidor onde, por exemplo, os temas ditos masculinos ficavam no primeiro bloco da revista e a parte dedicada às mulheres ou às “questões femininas” ficavam num segundo bloco, no final da revista, pois para o editor-chefe, Accioly Netto, as mulheres leriam as revistas de trás para a frente. Essa e outras questões apontadas por Fornazari mostram como se davam as relações de gênero no dia a dia dos jornalistas de “O cruzeiro”, como o fato de Accioly Neto ter desqualificado a participação da diretora e presidente da revista Amélia Whitaker, no período em que foi responsável pela coluna feminina “Da mulher para mulher”, sob o pseudônimo de Maria Teresa³, considerando seus conselhos muito moralistas não teriam sido bem aceitos pelas leitoras, o que fez com que Accioly Neto tomasse a frente da coluna e usasse esse mesmo pseudônimo, que teria passado por outras várias personalidades que constituíam a revista(FORNAZARI, 2001, p. 119)

Com “O cruzeiro”, houve uma revolucionária maneira de fazer revista no país, onde metade de suas páginas eram sobre assuntos relativos ao imaginário feminino. Nessa revista, que circulou durante 46 anos pelo Brasil, haviam os discursos voltados para os cuidados com o lar, os filhos e o esposo. Nesse artigo, por exemplo, trataremos dos conselhos sobre a questão da beleza feminina, por meio da coluna “Elegância e beleza” e também acerca da construção da maternidade, tema tratado na coluna “Da mulher para a mulher”. Colunas femininas que produziram a imagem da “mulher moderna”. Pois, a revista enquanto veículo de comunicação, chegou com o propósito de provocar mudanças, a exemplo de sua arte gráfica que adotou técnicas pouco conhecidas no país, especialmente a rotogravura, processo de baixo relevo, e no jornalismo implementou a reportagem.

Segundo Serpa (2003), a revista “O cruzeiro” usou toda essa técnica a serviço da construção da “nova mulher”, pois mostrava imagens relacionadas às mudanças de um país,

[...] que despia suas mulheres das saias longas e as urbanizava com biquínis, *blush* e pó-de-arroz, ou seja, que buscava moldar o comportamento feminino com novas formas de vestir e de se mostrar para a sociedade. Essa imagem que incluía a utilização da maquiagem e de produtos femininos de beleza como símbolo de moderno e novo ilustravam as capas desde a primeira edição. Apresentava-se, então, não apenas a primeira revista moderna do país, mas um novo meio de retratar o universo feminino (SERPA, 2003, p. 12).

³ Logo, quando colocarmos informações acerca da revista “O cruzeiro” ou discursos de seus/suas articulistas, estaremos considerando essas estratégias dos próprios articuladores da revista em criar pseudônimos para conquistar cada vez mais o público leitor.

Porém, Serpa também coloca que embora a revista se afirmasse como “moderna” e construtora da “nova mulher”, não mostrou sequer a posição feminina acerca do voto, nos anos 30, que gerou polêmicas, no período, deixando transparecer seu posicionamento, quanto ao papel das mulheres, pelo qual elas seriam incapazes de lidar com questões políticas, devendo se dedicar somente à maternidade; aos cuidados da casa, do esposo e do embelezamento, pois não haveria como conciliar tantas coisas com a política. A revista “O cruzeiro” teria dessa forma, discursos ambíguos, quando se tratava das representações que faziam acerca do feminino, que ora deveria seguir a modernidade, ora seguir a tradição em seus comportamentos. E sua ambiguidade discursiva irá perpassar toda trajetória de exemplares produzidos, ao longo do século XX.

A ambiguidade é percebida quando vemos que as falas das articulistas tinham como objetivo aconselhar ou prescrever para as mulheres o desenvolvimento dos chamados “dotes ou dons femininos”, entendidos enquanto algo natural, inerente a elas. Geralmente, essas colunas enfatizavam para suas leitoras atributos como o de ser mãe, esposa, dona-de-casa, definindo-as por características como a pureza, doçura, resignação, tudo isso somado a uma vida mais reservada ao privado, a casa e ao lar. Essas identidades construídas seriam ideal socialmente para as mulheres. Por outro lado, para os homens, atribuía-se o espírito aventureiro, o trabalho fora de casa, a vida pública e todos as características que lhe seguiam, como a boemia, as farras, os namoros e as relações fora do casamento.

Assim, a partir dos conselhos e ensinamentos acerca das maneiras de mulheres e homens se comportarem diante de suas relações, configuravam-se construções sociais e culturais das relações de gênero. Tais discursos, enfatizando os valores morais e os bons costumes para as moças fizeram parte de uma rede de enunciados que tinham a intenção de orientar as condutas femininas, construindo modelos, dentre os quais o de que para as moças era necessário “[...] o casamento feliz coroado pela maternidade e um lar impecável” (BASSANEZI, 2012, p. 481).

A coluna “Elegância e beleza” e os conselhos para embelezar as mulheres

Na coluna “Elegância e beleza”, que falava sobre embelezamento feminino, é perceptível a continuidade do discurso tradicional, quando tratavam de dar conselhos voltados para o casamento, sua ideia principal. Embora que na coluna sobre beleza fossem mais ressaltados os cuidados das mulheres com seu corpo e saúde, encontrava-se a ideia de que as mulheres em geral tinham que estar belas e com saúde para seus namorados, noivos, maridos,

afinal era para eles que elas tinham que se embelezar e não por qualquer outro motivo. Segundo a articulista da coluna sobre beleza feminina, as mulheres casadas deveriam lembrar que já tinham conquistado seus esposos e, portanto, deveriam saber como mantê-los presos.

O marido enquanto homem mais importante de sua vida era em quem a esposa deveria primeiramente pensar, mas as outras mulheres, ou seja, solteiras, com namorado ou noivas tinham que também pensar nos seus pares, pois eles seriam os “homens de suas vidas”⁴.

Os cuidados para atrair a atenção masculina eram muitos, e, nesse sentido, as colunas sobre beleza eram praticamente um guia para as mulheres seguirem, mantendo o tratamento das várias partes do seu corpo, como a pele, os olhos, o nariz, a boca, as mãos, os pés. Todas essas partes do corpo feminino deveriam estar em conformidade com o todo, tendo sempre equilíbrio entre elas. E para tanto tinha também as dicas sobre dietas para manter a saúde e a beleza, dicas para uma melhor maneira de se vestir, andar, falar e noções de comportamento em geral.

Elza Marzullo, na revista “O cruzeiro”, deu muitas dicas e conselhos sobre elegância e beleza, na sua coluna já citada, entre os anos 50 e 60. Ela, enquanto articulista dessa seção, mostrava sempre estar a par das novidades referentes às questões médicas e científicas relacionadas à saúde e à beleza feminina. Isso porque percebemos em praticamente todas as suas dicas que o público feminino se baseia num saber especializado da época. Vejamos o que ela disse acerca da questão que fala sobre peso e altura, em “equilíbrio estético”:

Cada um de nós é um todo formado de partes que deve guardar entre si determinadas proporções, para que o conjunto seja agradável. Beleza é proporção, é harmonia, e se existe um desequilíbrio entre altura e peso, tudo deve ser tentado para conseguir o equilíbrio estético que é a primeira garantia da graça feminina. (...) guiando-se pelo quadro fornecido, bastará tomar como regra o seguinte; para 1,62m de altura, peso de 57 quilos; 1,60m, peso 56 quilos; 1,58m, peso 54 quilos; 1,56m, peso 53 quilos; 1,54m, peso 52 quilos. Com essa espécie de tabela lhe será fácil verificar as suas deficiências ou excesso de peso, e procurar o melhor meio para a correção do excesso ou da deficiência (...) (Revista O cruzeiro, 19/12/1953, p. 101).

Manter a boa aparência era essencial para as mulheres em geral, por isso Marzullo enfatiza que a estatura feminina deveria estar de acordo com seu peso. Uma mulher desproporcional seria uma mulher que não se cuidava, pois quanto à altura não podia fazer nada, diferentemente do item referente ao peso. Poderia emagrecer, para que seu corpo ficasse

⁴ Nas colunas que tratavam de dar dicas sobre como cuidar da beleza feminina, percebemos o quanto a mulher casada era culpabilizada se por acaso seu esposo arranjasse outra mulher fora de casa. As articulistas colocavam praticamente justificando pelo temperamento masculino e o provável “desleixo” feminino com a aparência a responsabilidade do homem ter procurado uma relação extra conjugal, era como se o descuido da mulher, quanto a sua aparência, levasse o homem a trair a esposa. BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: São Paulo: Contexto, 2010.

na medida certa. Baseada nos conhecimentos científicos, a articulista sabia a relação e a altura e peso, para poder indicar com exatidão o peso e a altura, das mulheres ideias. Caso fosse uma mulher desleixada, que não se cuidasse, não arranjaría marido, por sua própria culpa.

Muitos conselhos que apareciam nas colunas femininas dedicavam-se aos cuidados com os cabelos. Parece que essa área do corpo feminino sempre causou preocupação entre elas. Existia a preocupação se os cabelos femininos estavam secos, quebradiços, opacos, com caspa, enfim, todos os problemas que afligiam os cabelos femininos. E quando o cabelo se mostrava com algum desses problemas entrava em cena os conselhos e dicas da articulista, mostrando qual o melhor caminho a seguir para tê-los bonitos e sedutores. Esses cuidados muitas vezes poderiam ser feitos na própria casa da mulher que necessitasse de cuidados capilares. Os ingredientes eram na maioria das vezes, os caseiros, nos quais as mulheres poderiam tirar da própria cozinha.⁵ Nesse sentido era que Elza Marzullo falava sobre os “amigos e inimigos dos cabelos” dizendo que:

Quando o cabelo se mostra quebradiço, opaco, sêco, é o momento de proporcionar-lhe substâncias graxas da mesma natureza das que o alimentam e formam a camada protetora. Estas substâncias se encontram nos óleos vegetais especialmente fabricados, de modo a serem facilmente absorvidas (Revista O cruzeiro, 13/07/1963, p. 90).

Os cabelos eram realmente uma grande preocupação entre as mulheres, por isso quase sempre nas colunas apareciam fórmulas e formas de cuidar dos cabelos. Assim como existiam ingredientes caseiros e até estranhos para melhorar o estado deles, existiam as dicas básicas de cuidados capilares como lavar com determinado tipo de água, quente ou fria, o uso de escovas específicas para não aumentar a oleosidade do couro cabeludo, os cuidados com problemas como a caspa, os cortes ideais para manter os cabelos saudáveis.

E esses cuidados tomavam por base sempre os conhecimentos especializados, mesmo que a fórmula fosse a mais simples, como na luta contra a queda de cabelo. Problema que os especialistas já tinham pesquisado e chegado a uma conclusão: “Mais um congresso em que especialistas de vários países concluem que na luta contra a queda excessiva do cabelo, só existe, de positivo, um remédio: a higiene” (MARZULLO, 1960, p. 105).

A higiene era um ponto bastante focado por Elza Marzullo, o banho diário também era como uma maneira de cuidar da aparência, mas sem deixar de lado o saber científico. Pois com o tema: “O valor do banho diário”, Marzullo mostrou que não passava a dica sem saber

⁵ E os ingredientes poderiam às vezes ser bastante estranhos, como “ovos de esturjão, da truta e até da formiga e da borboleta”, que, segundo a articulista, surtia bons efeitos. MARZULLO, Elza. “Amigos e inimigos dos cabelos III”, de 13 de julho de 1963.

quais os cuidados deveriam ser tomados para que o banho conseguisse ser visto como “um banho de beleza”:

O banho diário tem o valor de um tratamento de beleza. Uma fricção diária com água morna, um bom sabonete e uma boa escova, faz alguma coisa além de uma boa limpeza. Ativa a circulação da pele, vitalizando-a e facilitando a eliminação de toxinas, assim como ajuda a pele como órgão que é, regulador da temperatura. Quando você está muito cansada, o banho restaura as energias e acalma a tensão nervosa. [...] Se você lavar o rosto e passar um creme de beleza antes do banho, o efeito será maior, porque a combinação do creme com o vapor da água de colônia ajuda a expelir os cravos, dá mais suavidade e colorido ao seu rosto. (Revista O cruzeiro, 19/12/1953, p. 101).

Com relação às roupas, também era comum acontecerem as dicas. Estar vestida com sobriedade era o ideal para qualquer mulher. Muito mais para as mocinhas que tinham que seguir todas as regras de comportamento, levando-se em consideração que seria de seu interesse a conquista de um namorado, ela deveria sair de casa preparada com uma boa aparência e vestida adequadamente para que as pessoas percebessem que tipo de mulher ela era, decente, de boa família, o que mostrava pela sua roupa e por sua maquiagem, pó, batom, rímel e base.

Para as moças consideradas de família, eram indicadas as cores mais discretas. Assim conseguiam ser respeitadas por todos, como colocava Marzullo: “A encantadora e correta aparência da mocinha que obtém seu primeiro emprego é de capital importância para conquistar o respeito e a simpatia dos colegas e superiores” (Elza Marzullo, 1959, p.109). Além da maquiagem com tons delicados e discretos, a roupa não poderia ser extravagante, decotada, transparente, mas ao contrário: deveria estar sempre simples e discreta, sendo uma maneira da moça ser considerada uma mulher “séria”, respeitável, sobretudo se iria trabalhar. Roupas provocantes poderiam deixá-la exposta demais, assim como as artistas de Hollywood, chamando a atenção da forma como qualquer moça “séria” não poderia querer. Pois, para a moça que se dizia “séria” não era bom chamar a atenção dessa maneira, mas sim através de suas atitudes bem regradas e de um bom comportamento, que a levaria a ser enxergada em seu local de trabalho como uma moça que sabia chamar a atenção da melhor forma possível, através da discrição.

Havia também as dicas para evitar as varizes das pernas. As pernas bonitas e sem varizes eram o sonho de toda mulher, principalmente a casada, que em geral já tinha passado por uma gravidez, motivo pelo qual era comum se desenvolver esses problemas nas pernas femininas. Embora essa afirmação tenha sido combatida por Elza Marzullo: “Não é verdade que a maternidade deixa sempre algum sinal de sofrimento venoso nas pernas; se o organismo é preparado a enfrentar a gestação, isso não se dá (Elza Marzullo, 1960, p. 97). A

maternidade, defendida por Marzullo, já que entendida como um “dom natural” da mulher, não poderia trazer consequências más para o corpo feminino, pois segundo a articulista, o corpo da mulher seria próprio para a gestação, então por que esse momento da maternidade traria algum malefício à mulher?

A defesa da maternidade estava em conformidade com as regras sociais da época, onde se tornar mãe era observado como uma questão “divina”, o que se confirmava com a biologia do corpo da mulher, seu útero, órgão que dava a ela a possibilidade de gerar a vida. Sendo assim, para a mulher “[...] a maternidade seria a realização máxima da vida.” (FERREIRA, 2006, p.50)

Os discursos indicados para as mulheres que vinham das colunas dando dicas de beleza tinham a intenção não só de embelezá-las, mas também de prepará-las para serem futuras e boas esposas, que sabendo como agradar seus esposos através dos cuidados com a aparência, poderiam manter bem o matrimônio, não deixando sua relação com o marido cair na tristeza de um lar desfeito.

Infeliz seria você, se não fosse mãe! A construção da maternidade na coluna “Da mulher para mulher”

A maternidade foi mais um dos temas bastante frequentes nas colunas femininas de “O cruzeiro”. Nelas, a condição de mãe foi construída com a identidade feminina que levava a mulher ao seu mais alto grau de realização pessoal. Tornar-se mãe, aparecia nessas colunas, simbolizando o auge da vida de uma mulher, auge que só alcançado com a vinda dos filhos, e o exercício da maternidade.

Segundo Bassanezi (2012), havia uma expectativa muito grande sobre a chegada de um filho nos lares até meados dos anos 60, porque a chegada dele confirmava o sucesso daquele matrimônio. Esperava-se que após a chegada do bebê, o casal se unisse ainda mais, fortalecendo dessa maneira o matrimônio. A esposa estaria nesse sentido cumprindo “seu destino natural”, gerando filhos, construindo uma família, fazendo sua obrigação, enquanto esposa. A chamada “vocação natural” de cuidar dos filhos, ser carinhosa, zelosa e cuidadosa com eles, era uma questão bastante enfatizada, nas colunas femininas, que reforçavam essa construção de mulher-mãe ideal dizendo que as mulheres poderiam somente sentir a plenitude na sua vida, tornando-se mães. Isso porque a construção da mulher-mãe fazia parte de toda uma ideia de nação com ordem e progresso que as responsabilizava e encarregava-as da formação moral das novas gerações, incutindo-lhes virtudes cívicas. Essa construção nos

remete aos anos 20 e 30 do século XX, mas que se estende até boa parte do restante do século, como as décadas de 50 e 60.

Porém, tentando desmistificar essa construção da mulher-mãe Badinter (1985), historicizou o conceito de amor materno, mostrando como ocorreu essa construção, deixando claro que tornar-se mãe não pode ser tomada como uma questão que está inscrita na natureza feminina. A construção da mulher-mãe foi criada enquanto uma condição inerente à mulher, porém a autora afirma que tal construção nada mais é do que um mito:

Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições e frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É adicional. (BADINTER, 1985, p. 367)

Essa construção idealizada para o feminino que tornou a mulher mãe, criticado por Badinter, foi mais uma das construções feitas pela coluna feminina da revista “O cruzeiro”. Nela, os conselhos que foram dados às mulheres enfatizavam sempre que a boa esposa para isso tinha que se tornar uma boa mãe também. E sendo uma boa mãe, a mulher alcançaria o auge de sua vida, pois a maternidade era vista como uma vocação feminina e nada poderia mudar esse destino biológico da mulher, por isso no momento em que ela tornava-se mãe, tinha que deixar de lado muitas questões de sua vida, dedicando boa parte de seu tempo ao(s) filho(s).

A seção “Da mulher para a mulher” da revista “O cruzeiro” nos anos 50 e 60 deu muitos conselhos às mulheres casadas, com relação aos cuidados que uma boa mãe deveria ter com seus filhos. O que era muito importante às mães saber no século XX, visto como “século das crianças”, segundo Ferreira, que observou a partir das propagandas observadas nas revistas, em especial “O cruzeiro”, quais seriam esses cuidados tidos pelas mães, dados por meio das muitas informações médicas e pediátricas, e também das propagandas específicas para as crianças, como a alimentação, cuidados com a higiene, saúde, enfim, cuidados que demandavam que as mães estivessem atentas às necessidades dos seus filhos, mostrando-se boas mães. Com a Puericultura, ciência que se dedica ao estudo com os cuidados com o ser humano, principalmente na infância, construíram-se discursos para legitimar seu saber acerca do cuidado com as crianças, embora seu discurso continue construindo a mulher a partir do conhecimento acerca de seu corpo, como é o caso da relação útero/maternidade. O que trouxe,

nesse período, uma demanda maior de aconselhamentos dedicados às mães, cobrando mais e mais cuidados com os filhos.

Para que as mulheres, entendidas pelos discursos emitidos pelas colunas femininas, como mães em potencial, recebessem bem os conselhos dados pela coluna feminina era necessário que primeiramente compreendessem bem a grandeza de seu papel enquanto mãe. E por isso a articulista Maria Teresa afirma, explicando sempre a maternidade, enquanto uma questão intrínseca à mulher:

[...] A maternidade é uma função especificamente feminina; suas marcas se gravam ao mesmo tempo no espírito e no físico da mulher. É na maternidade que a mulher descobre suas reservas de espírito. É no processo de criação e de educação de um filho que a mulher tem oportunidade de observar os prodígios de amor de que é capaz. Enquanto outras tarefas podem fazê-la sentir sua fraqueza, a da maternidade dá-lhe oportunidade de revelar-se a si mesma, às vezes maior do que jamais poderia supor. Na administração de uma casa e também na criação dos filhos, a mulher pode empregar com resultados os mais belos recursos pessoais. (Revista O cruzeiro, 04/12/1954, p. 110).

Os conselhos relativos à maternidade dados pela revista “O cruzeiro” em sua coluna “Da mulher para a mulher” que era lida por várias mulheres, mas especialmente pelas mulheres casadas, mas como havia o consenso de que toda mulher, nesse caso, dos anos 50 e 60, seria mãe em potencial, esses conselhos serviam para as solteiras e também, já que elas, seguindo esse consenso, iriam se casar e, conseqüentemente, ter filhos também. Aparecendo, ainda, em alguns momentos da revista, alguns conselhos para as mulheres, mães desquitadas. Podemos perceber através do discurso de Maria Teresa que o corpo da mulher, ao se modificar com a maternidade, estaria mostrando sua “verdadeira natureza”, sua “essência” de mãe. O corpo da mulher, corpo construído historicamente para ser o núcleo central da maternidade, que teria o dom da procriação e que se modificaria conforme as mudanças corporais maternas fossem acontecendo, justificava seu “único destino”, que era o de tornar-se mãe.

Essa construção da mãe ideal, na perspectiva de Badinter, ganhou mais ênfase a partir do discurso da psicologia de que a “verdadeira mãe” seria aquela que se adaptaria às necessidades do filho com delicadeza e sensibilidade. O que mostra como outros saberes, como a psicologia, foram atravessando o saber médico que construiu o corpo feminino a partir do final do século XIX, o reelaborando e criando a identidade materna para as mulheres no século XX. A religião, nesse sentido, seria mais um saber que atravessou a chamada “ciência da mulher”, o saber sobre o corpo feminino, desconstruindo o saber médico e o refazendo a partir de outros enfoques. Dessa maneira, num misto desses discursos, psicológico, religioso, médico, encontramos a afirmação de que a “verdadeira mãe” teria a capacidade de aceitar o

sofrimento, que seria compensado pelas “alegrias da maternidade”. O amor da mãe por seu filho seria então muito maior do que por si mesma, o que foi entendido como sabedoria da natureza, colocá-la como o “único ser capaz de dar a luz”. A dedicação da mãe a seu filho, excluindo da sua vida qualquer outro interesse, mostraria a grande capacidade de doação de uma “mãe devotada”.

Assim, entendido pelas mães qual era seu papel, o de ser uma “mãe devotada”, como a psicologia afirmava, restava a elas saber desempenhá-lo. Saber “ser mãe”. E para se tornar uma boa mãe, era preciso que a mulher soubesse tomar as atitudes devidas com relação aos cuidados com os filhos. Um dos cuidados que aparecem na coluna feminina da revista “O cruzeiro” era a orientação que a mãe deveria dar a sua filha, quando mocinha, para que ela não trilhasse um mal caminho por falta de conselhos maternos. Uma boa mãe tinha que estar sempre atenta às necessidades de seus filhos, porque fazia parte do “cardápio de suas obrigações maternas”. E existia uma grande preocupação e cuidados com a relação que deveria existir entre mães e filhas:

[...] pouco se diz da mãe que orienta mal a filha. Quando os pais são bem casados, a filha em geral encontra ambiente adequado para que sua adolescência desabroche num clima apropriado. Mas quando o pai e a mãe vivem brigando, será obrigação de um ou de outro (de preferência da mãe que tem mais convivência com a filha) compensar com uma assistência mais assídua e mais acurada os inconvenientes que aquele estado de desentendimento entre os pais proporciona à formação da filha. Infelizmente, porém, há muita mãe que, longe de se fazer amiga da filha, torna-se-lhe quase um algoz (...) (BADINTER, 1985, p. 307).

Os aconselhamentos das mães para com as filhas era uma constante da coluna de Maria Teresa. E ela deixava claro que muitas mães não estavam desempenhando suas obrigações com as filhas, o que poderia resultar num namoro, noivado ou casamentos desastrosos, pois sem os bons conselhos de uma mãe, a filha poderia ficar meio perdida. Por isso a mãe estar presente era imprescindível para que a filha conseguisse discernir o certo e o errado. Sem deixar que as brigas e discussões acontecidas entre marido e mulher atrapalhassem os momentos que mãe e filha deveriam vivenciar juntas.

Algumas mães, segundo as colunas femininas, deixavam a filha solta demais, sem lhes dar os devidos conselhos sobre a vida. Enquanto outras poderiam ser zelosas demais e assim sufocar os filhos e filhas. Equilíbrio era necessário nessa relação entre mães e filhas para que a filha não fizesse escolhas erradas. Assim como as mães deveriam ter tempo para aconselhar suas filhas, também deveriam saber que ter filhos era uma dádiva, um complemento de sua felicidade conjugal.

Portanto, para as mulheres casadas, segundo o que era colocado pela articulista da coluna feminina “Da mulher para a mulher”, por estarem completas e felizes, pela família que tinham, com esposo e filhos, não era permitido nenhuma reclamação, e se elas reclamassem, estariam tentando ir contra a natureza feminina, questão que trazia muitos problemas no lar. O casamento, como era colocado pelas articulistas, somente, estaria completo, se tivesse além de um esposo feliz, bem cuidado por sua esposa, também os filhos. A ausência da felicidade na vida dos membros da família apontaria para um matrimônio incompleto. Nesse sentido, é que Maria Teresa, ao receber em sua seção de cartas a reclamação de uma leitora alega que:

Uma mulher que se eleja ao auge se considerar infeliz possuindo filhos, um lar que ela mesma diz não haver motivos para reclamações, uma mulher que chega ao cumulo de maldizer as panelas e as fraldinhas dos inocentes de sua própria carne, não deveria ter nascido mulher. (Revista O cruzeiro, 20/07/ 1963, p. 80).

A mulher, enquanto mãe, não podia fazer reclamação de sua vida doméstica e, principalmente, não reclamar dos filhos. Esses significavam a plenitude feminina, pois tornar-se mãe era o símbolo maior da realização da mulher, e sua justificativa ia muitas vezes além da questão biológica, indo também para a questão religiosa, o que dava uma força maior a construção que afirmava, e ainda afirma que a função principal da mulher era procriar, e sem isso não haveria sentido sua existência.

Sendo assim, reclamar de sua “natureza” era ir contra os “desígnios naturais” de seu corpo e dos ensinamentos religiosos. E para que não acontecesse esse tipo de coisa a articulista Maria Teresa argumenta através da religião o papel tradicional de que as mulheres deveriam cumprir sem reclamar. Pois reclamar era mesmo que renegar a obra divina que tinha lhe dado o dom de poder gerar filhos. Sendo radical: “(...) Infeliz seria você, se lhe fosse negada a virtude de ser mãe. (...)” (Maria Teresa, 1963, p. 104).

A crítica de Maria Teresa com relação a algum tipo de reclamação feita por uma leitora nos mostra o quanto o modelo feminino materno tinha força nos anos 60. A representação da mulher-mãe e da família ideal, segundo Bassanezi, permanecia forte, tendo o pai a responsabilidade por trazer para casa o sustento, enquanto que a mãe sabia que “pertencia aos filhos” e ao lar e dessa maneira não tinha o direito de escolha ou de transferir suas obrigações para uma empregada doméstica, babá, alguém que tomasse conta dos afazeres domésticos⁶. Para não ser observada como uma mulher irresponsável e sem amor pelos filhos,

⁶ Embora existissem mulheres que, na segunda metade do século XX, já utilizassem as “facilidades da vida moderna”, como a água encanada, fogão à gás (embora o fogão à lenha continuasse muito popular), e aparelhos elétricos como o ferro de passar e a geladeira (que fez desaparecer nas ruas os carregadores de gelo). Donas de casa com mais recursos podiam contar também com aspirador de pó, batedeira, enceradeira, e, tempos mais

a única alternativa que tinha era ela mesma realizar todas essas tarefas geralmente designadas para as mulheres, principalmente no que se referia ao cuidado com os filhos. Fazendo sua parte a esposa, dona de casa e mãe, estaria seguindo seu destino, sendo a mulher ideal.

Para as mães desquitadas além da preocupação natural com os filhos, havia outros tipos, pois pelo fato dela estar separada além de ser vista como “uma mulher qualquer”, ficava com ela toda a responsabilidade com relação aos filhos. Resultava desse conflito uma gama de sentimentos que pesavam juntamente com as outras tantas atribuições femininas. Exemplo disso é que a leitora Maria de Lurdes, demonstrando muito receio acerca da criação e educação dos filhos, estando desquitada, desabafa: “Tento ser para eles pai e mãe. Mas é uma tarefa quase impossível e tenho medo do fracasso. Como conseguir que mais tarde eles tenham um lar feliz, firme, se o lar deles é tão falho?” (Maria Teresa, 1963, p. 90).

As mulheres desquitadas, durante os anos 50 e boa parte dos anos 60, segundo Bassanezi, sofriam muito preconceito, eram desrespeitadas, sendo vistas pela sociedade como mulheres que influenciariam mal outras mulheres. As mulheres que estivessem separadas de seus esposos não deveriam ter outros relacionamentos; eles tinham que ser evitados para que elas não perdessem a guarda de seus filhos. Por isso, o controle social recaía com bastante força sobre as mulheres, enquanto que para os homens desquitados isso seria completamente diferente, pelo fato de quenão era imoral ter outra mulher após se separar de sua primeira esposa.

Gomes (2012), em sua pesquisa acerca do desquite ou separação nos anos 1960 e 70, verificou que as mulheres que se desquitavam, durante a década de 60, eram muitas vezes observadas como transgressoras, o que trazia consequências desagradáveis, tanto para elas próprias como para seus filhos, pois elas seriam apontadas na rua como “a desquitada” e seus filhos como “os filhos da desquitada” ou “os filhos (as) sem pai”. A historiadora percebeu que havia um grande medo da decadência do modelo familiar dominante, que era o formado pela mulher, esposo e filhos, onde a esposa deveria ser totalmente dedicada ao lar, aceitando a todas as atitudes do seu marido, mesmo que fossem atitudes que não a fizessem feliz.

Gomes coloca também que nos artigos dos jornais pesquisados, as mulheres eram alertadas a se manterem seus lares, dando prioridade as suas vidas de esposas, mães e donas de casa, aconselhamentos que enfatizavam a vida em família, acima de qualquer coisa. Isso, porque as mulheres estavam cada vez mais “fugindo do lar” e em busca de trabalho para

tarde, máquina de lavar roupa. BASSANEZI, Carla. A era dos modelos rígidos. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2012.

contribuir no sustento da família, ou simplesmente com o objetivo de acumular bens. Por isso, os artigos deixavam claro que para conseguir uma vida conjugal e familiar, elas tinham sempre de mostrar-se voltadas aos interesses do casamento e em nenhuma hipótese deveriam se comportar de forma a reduzir suas oportunidades de ser uma boa esposa e cumprir sua “sagrada missão de mãe”. Dessa maneira, apesar da crescente dessacralização do sexual, a procriação e a educação dos filhos deveriam continuar a ser prioritárias, pois os projetos pessoais ou profissionais não se poderiam estar acima da função natural de ser mãe.

Portanto, com tantas exigências na vida das mulheres, quando elas se tornavam esposas e mãe e depois se desquitavam se sentiam sobrecarregadas, sabendo como a sociedade cobraria delas uma conduta exemplar para uma boa criação de seus filhos. E como a leitora que desabafou com a articulista da coluna “Da mulher para a mulher”, as próprias mulheres desquitadas se cobravam, pensando não ser capazes de dar aos filhos sem a presença do pai, uma boa educação, atenção suficiente, enfim, todas as necessidades que uma família necessitaria. Pela maneira como a articulista falou dos desabafos feitos na sua coluna, é visível a ideia de que se o casamento não foi construído solidamente, provavelmente foi porque a esposa não cuidou suficientemente dele, do esposo e daí o resultado seria problemas como o da leitora Maria de Lurdes. Então, entendemos o motivo das mulheres desquitadas terem tantos medos acerca de suas novas vidas e dos cuidados com os filhos, uma grande responsabilidade para elas, num momento em que o masculino era tão valorizado, enquanto o provedor familiar, em detrimento da mulher.

O que de certa forma é compreensível pela construção social e cultural machista que foi ensinada às mulheres desde crianças de que somente os homens poderiam manter um lar, com relação não só ao aspecto econômico, mas também em relação à educação e à manutenção da união familiar como um todo. Ao falar sobre os desabafos feitos, a articulista da coluna “Da mulher para mulher” deixou claro sua posição, quanto aos problemas enfrentados pelas mulheres ao colocar:

No fundo o dilema é um só: o casamento assentado em bases pouco (ou quase nada) sólidas ou consumado num clima de romantismo, posteriormente destruído ao contato com a realidade. Daí resultam as questões de Nina e Maria de Lurdes, às voltas com as “férias separadas” e “a educação dos filhos.” (Revista O cruzeiro, 13/07/1963, p. 90)

Pela maneira como a articulista fala dos desabafos feitos, na sua coluna, é visível a ideia de que se o casamento não foi construído solidamente, provavelmente foi porque a esposa não cuidou suficiente dele e daí o resultado são os problemas como o da leitora Maria de Lurdes. Então, entendemos o motivo das mulheres desquitadas terem tantos medos acerca

de suas novas vidas e dos cuidados com os filhos, já que a elas era atribuída uma grande responsabilidade, num momento em que o masculino era tão valorizado, enquanto o provedor familiar, em detrimento da mulher.

Tornar-se a mulher ideal significava estar de acordo as regras sociais e culturais colocadas para elas, enquanto regras a ser cumpridas, normas a seguir. E, se as mulheres se opusessem a essa prescrição, não seriam bem vistas socialmente, seriam desvalorizadas, consideradas “levianas”. Por isso, subjetivar tais construções era a opção mais adequada para as mulheres, sendo então boas esposas, donas de casas, mães, estariam fazendo a melhor opção, considerando o que a sociedade esperava delas, torná-las mulheres ideais.

De acordo com esse modelo ideal de mulher, a mulher casadoura, que continuava tão forte na segunda metade do século XX.

Recebido em: 02.11.2014. Aprovado em: 13.06.2015.

Referências bibliográficas:

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary. **Histórias das mulheres no Brasil**. 9ed. São Paulo: São Paulo: Contexto, 2010.

_____. A era dos modelos rígidos. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2012.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BLUMBERG, Natália Simanke. **Da mulher para a mulher: o papel feminino na revista O cruzeiro**. Monografia de conclusão de curso em Comunicação Social-Jornalismo. Universidade Feevale, Novo Hamburgo 115 pgs. 2013.

CAMPOS, Daniela Queiróz. **Espectros dos anos dourados**. Imagem, arte gráfica e civilidade na coluna Garotas da revista O cruzeiro (1950-1964). Dissertação de Mestrado em História pela PUC, Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 236 pgs. 2010.

FERREIRA, Juliana Taís. **“Espelho das Mães”**. A Representação Feminina na Publicidade Destinada à Infância nas Páginas da Revista O Cruzeiro: 1929-1964. Monografia de conclusão do curso de História da UFPR. 62pgs. 2006.

FORNAZARI, Luciana Rosar. **Gênero em revista – Imagens modernas de homens e mulheres na revista O Cruzeiro do segundo pós-guerra**. Mestrado em História Cultural. Universidade Federal de Santa Catarina. 141 pgs. 2001.

FREIRE, Marta de Luna. **Mulheres, mães e médicos.** Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). Tese de doutorado em História das ciências e da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 336 pgs.

_____. **“Ser mãe é uma ciência”:** mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. Revista História, ciências, saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, v. 15, junho, 2008.

FREITAS, Patrícia de. **Corpos de mulheres em (Re) vista.** A representação da menopausa na Revista de Ginecologia e d’ Obstetria 1907-1978. Tese de Doutorado em História Cultural. UFSC, Florianópolis. 413 pgs. 2005.

_____. **A mulher é seu útero.** A criação da moderna medicina feminina no Brasil. Revista Antíteses, vol. 1, n. 1, jan.- jun. de 2008, pp. 174-187.

GOMES, Leidejane Araújo. **Na alegria e na tristeza..., até que em um fatídico dia...: casamento, desquite e gênero em Sobral (1962-1977).** Mestrado em História e Culturas. Universidade Estadual do Ceará. 155 pgs. 2012.

ROCHA, Olivia Candeia Lima. **Discursos e imagens sobre mulheres nas primeiras décadas do século XX na cidade de Teresina.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SALERNO, L, P; CUNHA, M. T. S. **Discursos para o feminino nas páginas da revista Querida (1958-1968):** aproximações. Educar em revista. Curitiba: UFPR, n. 40, p.127-139, abr-jun. 2011.

SANTANA, AjanayrMichelly Sobral. **Tecendo caminhos escriturísticos nas páginas da história:** cartografia da escrita feminina na imprensa campinense (1950). 65 pgs. 2010.

Secretaria Especial de Comunicação Social. **Mulheres em revista.** O jornalismo feminino no Brasil. O Cruzeiro – A maior e melhor revista da América Latina. Rio de Janeiro. Junho de 2002.

SERPA, Leoni Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade:** a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945) – Dissertação (Mestrado) - Universidade de Passo Fundo, 2003.

VAISTSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais.** Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Fontes consultadas:

Revista O cruzeiro, 19 de Dezembro de 1953.

Revista O cruzeiro, 04 de Dezembro de 1954.

Revista O cruzeiro, 13 de Julho de 1963.

Revista O cruzeiro, 20 de Julho de 1963.